

CENTRO
INTERAMERICANO
DE
DESARROLLO
RURAL Y
REFORMA
AGRARIA

Mimeografiado

N° 106



DESENVOLVIMIENTO RURAL E A UNIVERSIDADE

Por:
José Emilio G. Araújo.

Bogotá, Junio de 1.968

Instituto Interamericano de Ciencias Agrícolas OEA
Proyecto 206 del Programa de Cooperación Técnica



Proyecto 206, Capacitación y Estudios sobre Desarrollo Rural y Reforma Agraria, es una actividad de Programa de Cooperación Técnica de la OEA, que auspicia el Consejo Interamericano Económico y Social, el cual lo financia a través del Fondo Especial de Asistencia para el Desarrollo. Es administrado por el Instituto Interamericano de Ciencias Agrícolas de la OEA (IICA), el cual ha establecido en Bogotá, Colombia, un Centro Interamericano de Desarrollo Rural y Reforma Agraria (IICA-CIRA), con la colaboración del Instituto Colombiano de la Reforma Agraria (INCORA), y la Universidad Nacional de Colombia. A través de las Direcciones Regionales del IICA, el Proyecto 206 adelanta programas de capacitación, estudios y asesoría al nivel nacional y regional. La correspondencia relacionada con esta publicación puede dirigirse al Apartado Aéreo No. 14592. Bogotá, Colombia.

"DESENVOLVIMENTO RURAL E A UNIVERSIDADE"

José Emilio Gonçalves Araújo
Prof. Cat. e Diretor IICA-CIRA

Discurso de paraninfo pronunciado na formatura dos Engenheiros Agrônomos de 1967 da Escola de Agronomia Eliseu Maciel, da Universidade Federal Rural do Rio Grande do Sul - Pelotas, RGS, Brasil, em Março de 1968.

"É uma grande honra para mim o convite que me fizesteis para acompanhar-vos em vossa última actividade académica e em particular, que me houvésseis brindado a oportunidade de vir uma vez mais participar em acto universitário tão significativo como o é a colação de grau de mais uma turma de profissionais de nossa querida Escola.

Foi uma surpresa, dessas que enchem o coração de alegria, não só pelo carinho que ela encerra, se não pelo significativo como lembrança do quasi velho professor que em missão no exterior, já faz longo tempo, está licenciado desta Universidade.

A bondade característica da juventude determinou-me este regresso à Cátedra. Por isso, em cumprimento do mandato por vós determinado e atento ao dever da amizade e da propria responsabilidade do magistério, ao saudar-vos pelo êxito alcançado me permitirei, nesta última aula de vosso curso, apresentar algumas considerações acerca do momento em que vivemos e suscitar algumas inquietudes que considero oportuno leveis em vossas mentes ao inicio da vida profissional.

Sei que poderiais haver trazido a esta tribuna um dos magníficos professores desta casa, ou ter extendido o convite para este encargo a figura que neste país estivesse participando da conjuntura com vivência e actualidade.

Creio entretanto que também considerásteis que pelo fato de minha participação na direção de um programa que, por delegação dos países do continente, conduz o Instituto Interamericano de Ciências Agrícolas da Organização dos Estados Americanos, este contacto me daria a oportunidade de dizer-vos impressões acerca da conjuntura actual da America Latina e de seu desenvolvimento. Este será o tema a ser versado.

Acabamos de ver passar os primeiros 25 anos desde o fim da segunda guerra mundial, periodo este que viu nascer e crescer os jovens agrônomos desta graduação que agora assistimos e que representou para os homens de minha geração um sem número de preocupações e inquietações:

A parte desse periodo que se passou enquanto vós estavais realizando vossos estudos e concluíais a etapa académica, trouxe consigo numerosas transformações nas tecnologias, nas comunicações, nos conhecimentos, nos anseios da propria humanidade; com uma intensidade tal que fez com que processos económicos e formas politicas de condução dos povos se tornassem desatualizados rapidamente.

Também temos que reconhecer que neste quarto de século não pudemos contar com a ventura de que a paz predominasse sobre a terra. Com tristeza temos que dizer que não ha paz, porque entre os homens continuam acesas as chamas de desigualdade e das ambições individuais, meio no qual não podem crescer nem as razões do direito nem a expressão de amor e de caridade.

Consideremos entretanto as transformações havidas na mente dos homens enquanto ao que estamos denominando anseios dos povos, que devem reger os objetivos maiores de cada Estado.

As novas tecnologias, que haviam sido ensaiadas e utilizadas mais ou menos intensamente durante a guerra, passaram ao serviço do desenvolvimento, produzindo novas máquinas, novos sistemas de transporte, transformações marcantes nos meios de comunicações, aplicação maciça e rápida de processos tecnológicos, e tudo com uma intensidade e com resultados que em principio poderíamos dizer são inteiramente inesperados para as previsões que pudessem ser feitas 20 anos atrás.

Ressalte-se entre os resultados das transformações havidas no campo da saúde humana, uma consequência significativa, tal seja o crescimento demográfico rápido e até certo ponto inimaginável.

Por outro lado cite-se as facilidades de comunicações onde, por exemplo, o rádio transitor e veículos mais resistentes e ágeis, junto com o acesso a aparelhagem e instrumentos de baixo custo, tiveram um papel de importância capital nas transformações que serão contadas na história deste tempo. Estas fizeram com que grandes massas da população deixassem o estado de ignorância em que se encontravam tradicionalmente e passassem a influir com maior poder e intensidade nas decisões decorrentes dos objetivos nacionais permanentes de cada povo.

Os problemas sociais que ao fim da primeira guerra mundial começaram a preocupar as regiões urbanas chegaram, nestes últimos anos ao campo.

A fome que fora consentida como uma epidemia incontrolável, em parte porque era desconhecida em toda sua profundidade, passou a ser tema de debates e de preocupações por parte das elites. Estas já então não eram apenas oriundas de uma oligarquia dominante e despreocupada, de que tudo dependia, dona e senhora que era do poder econômico e político, mas a estas alturas já eram compartilhadas por alguns membros da classe média, que vencidas as resistências do processo da educação, haviam chegado a tomar posições destacadas nas profissões liberais e na vida política.

Para os países da América que denominamos Latina, e que em geral classificamos como sub-desenvolvidos, e aos quais se vêm juntando recentemente países de origem distinta da ibérica, estas duas últimas décadas foram decisivas.

Minha geração pôde participar e contribuir neste período, especialmente a esta década dos 60, que eu me animaria a classificar como a década do despertar.

Foi um despertar para o reconhecimento dos problemas e onde inclusive muitas das barreiras que pareciam intrasponíveis foram sendo objeto de análises e até de decisões que implicaram em transformações significativas.

Entre estas assinalo, como marcantes, as declarações feitas em comum por todos os países da América, quando junto com a figura deste século, John Kennedy, subscreveu-se em 1961 a carta de Punta del Este.

Ainda dentro do aspecto conceitual não poderia deixar de ressaltar aqui a grande transformação que vamos vencendo quanto ao desenvolvimento económico que estabelecia como fundamental objetivo do desenvolvimento a obtenção do incremento do ingresso "per capita". Este conceito foi cedendo lugar para estabelecer-se uma visão humanista, que aparece magnificamente expressada nas palavras magistrais de Paulo VI na Encíclica "Populorum Progressio", quando diz: "O desenvolvimento não se reduz a um simples desenvolvimento económico. Para ser autentico deve ser integral, isto é, promover a todos os homens e a todo o homem", e citando ao mestre do desenvolvimento moderno, padre Lebrét, conclui "nós não aceitamos a separação da economia do humano, no desenvolvimento das civilizações em que está inscrito. O que conta para nós é o homem, cada homem, cada agrupação de homens, até a humanidade inteira".

Isto nos obriga a que no conceito de desenvolvimento não falemos mais em aumento de ingresso, mas sim de que este inclua conseqüentemente uma redistribuição equitativa da renda. Mas não será ainda apenas o aspecto económico ou a aplicação social deste principio, que nos satisfaça. O homem terá que ocupar a posição a que tem direito na sociedade, terá que ser considerado como um individuo social e político, que participe nas decisões da coletividade a que pertence, que tenha direitos iguais e que tenha abertas ante si idênticas oportunidades de acesso ao bem comum. Nestes termos o desenvolvimento será o novo nome da paz, como ó deseja Paulo VI, e poderemos então vencer a etapa de transição entre os sistemas tradicionais, que vêm regendo as condições até agora predominantes e chegar ao nível de desenvolvimento a que alguns poucos povos da terra já alcançaram.

Ao dizer que já percorremos uma etapa do despertar não quero entretanto afirmar-vos que ela já está vencida. Ao contrario, ainda há muito que fazer e vós já o tereis sentido durante este periodo de vida universitaria, porque não se desconhece que a juventude tem grande sensibilidade e aguda percepção dos problemas contemporâneos.

Não é de surpreender que na conjuntura atual a juventude universitária esteja mais inquieta, dada a consciência de que é possuidora de uma maior fonte de informação, uma maior responsabilidade é se está preparando para participar efetivamente das elites do país.

Já dissemos que se foi o tempo em que a elite era um privilégio da oligarquia; sabemos ao olhar o quadro continental da nossa América Latina que por muito tempo as universidades se viram limitadas àquelas que haviam podido pagar um ensino secundário caro que, como privilégio, só servia a uma pequena parcela da população.

Nestes últimos tempos a crescente classe média, movida por um desejo natural de superação, foi rompendo estas limitações e promovendo uma transformação no meio cultural dos nossos países. Realmente são ainda muito poucos os que chegam a universidade e, generalizando estatísticas, poderíamos dizer que apenas 1% dos jovens que iniciam o curso secundário chegam a concluir uma formação superior.

O poder psico-social exercido por estas elites culturais que, ainda em pequeno número, trazem consigo a inquietude que busca novas e mais rápidas soluções para o problema do desenvolvimento, torna compreensível porque as forças dominantes, ainda influenciadas ou originadas nas oligarquias que estabeleceram as estruturas já arcaicas, sintam uma reação às vezes violenta contra a participação da juventude no enfoque, na análise e na discussão dos problemas de nosso tempo.

Do que estou convencido é de que as transformações porque estamos passando serão feitas tão rapidamente, e ante novos conceitos que se impõe de tal forma definitiva, que muitas resistências tradicionais serão eliminadas em tempo tal que mesmo nós, que estamos vivendo esta época, nos surpreenderemos.

Não quero entretanto que confundais estas minhas palavras com qualquer assentimento a idéia de que a violência é a solução para os nossos problemas. Muito pelo contrário, sou dos que creem que somente uma evolução acelerada, que equivale substancialmente a uma revolução pacífica, pode identificar-se

com os objetivos de desenvolvimento integral de nossos povos. Nestes tempos a palavra revolução se utiliza frequentemente para designar uma transformação social rápida. Não necessariamente violenta, nem levada a cabo por meios não previstos nas regras jurídicas imperantes. É necessário submeter-se ao jogo democrático que implica na criação de uma opinião majoritária e na pacífica aceitação de que todas as reformas são fundamentais ao estabelecimento de uma nova classe, em que o homem seja o sujeito e ao mesmo tempo o realizador desse desenvolvimento.

A eliminação violenta de determinados setpres sociais, a introdução brusca, cruel e compulsiva de sistemas radicalmente opostos aos que correspondem a nossa civilização, o apelar à força para a toma e controle do poder, não podem resultar no desenvolvimento que corresponda a paz, na qual se gera o bem estar comum. Basta lembrar aqui o acerto das palavras magnificas de Pio XII recolhidas por João XXIII em sua Enciclica "Pacem in Terris" quando diz: "não é na revolução e sim em uma evolução bem planejada que se encontra a salvação e a justiça. A violencia nunca fez outra coisa que destruir, não edificando; acende paixões, não as aplacando. Acumulando odio e ruínas, não só não logra reconciliar os contendores, se não que a homens e partidos os tem levado a dura necessidade de reconstruir lentamente, com imponderável trabalho, sobre os escombros amontoados pela discordia, a velha obra destruida".

Senhores! vossa geração terá que liderar o desenvolvimento na próxima década. É esse um encargo de grave responsabilidade para o qual me permito alertar-vos. Talvez poderíamos dizer-vos que estes próximos anos dos 70 será a década das decisões urgentes.

Vós bem sabeis que o homem tem como vocação natural buscar o seu bem comum, desenvolver consigo a sociedade e com ela toda a humanidade. O homem, com melhores fontes de informação e com maior facilidade de conhecimento, estará fixando novos objetivos para nossos povos, com horizontes mais amplos e prazos de concecução cada vez mais reduzidos.

Há que se considerar entretanto um fator de capital importancia e que estará na base de todo planejamento desenvolvimentista em que, como profissionais de um campo de conhecimento básico aos programas de transformação

rural, tereis que considerar prioritariamente. Refiro-me a explosão demográfica que, em virtude dos progressos de que vos falava ha pouco, ja hoje deixa ante nossas considerações um grande número de novas gerações, que estão participando no mercado da alimentação e do trabalho.

Se tomamos os dados estatísticos, encontramos que na America Latina neste momento estão chegando a idade dos 18 anos mais de 5 milhões de individuos. Só no Brasil em 1968 estão chegando, em números redondos, aos 18 anos de idade, nada menos de 1.200.000 individuos. Ao fim da próxima década ou seja no ano de 1980 preve-se que este numero será 50% maior. Esta é gente já nascida, em que medidas visando programação familiar não mais terão qualquer efeito.

Dizia um meu eminente companheiro de trabalho, o ex-ministro de agricultura da Venezuela, Dr. Victor Giménez Landínez, em um de seus escritos, ante consideração de números como os que vos acabo de citar, que: "o problema do emprego se destaca e se agrava tanto a cada dia que, sem temor, se pode assegurar que boa parte do problema do desenvolvimento se resume hoje em uma palavra: trabalho. E que o melhor programa de governo se pode condensar em: dar emprego, criar trabalho". Esta é uma realidade que quasi poderia classifica-la de terrível desafio as elites que estão e estarão a frente de nossos países.

Deixai que vos fale sumariamente sobre alguns problemas daqueles que esta chegando a idade de buscar trabalho, de constituir familia, de tornarem-se membros mais atuantes da sociedade. Tomemos só aquela parcela que se incluye no que denominamos meio rural. Na America Latina mais de 50% da população vive ahi. O Brasil não é excepção dessa regra.

Sabemos que no processo do desenvolvimento, à medida que este se intensifica, a população rural tende a diminuir. Isto se dá porque as atividades secundárias e terciárias absorvem maiores quantidades de mão de obra e por outro lado a tecnificação da agricultura faz com que com uma menor força de trabalho se possa obter uma maior produtividade. A agricultura cumpre assim plenamente o seu papel de produzir alimentos, produzir matérias primas,

produzir divisas (através dos produtos exportação), e produzir substitutivos às importações. Mas há que considerar, na etapa do desenvolvimento em que nos encontramos, os demais papéis da agricultura. Considerada como fonte de capital, a agricultura latino americana deu importante contribuição ao proporcionar recursos para que se implantasse uma industria ainda incipiente e se desenvolvessem serviços essenciais. Mas as outras funções básicas, qual seja de servir de fonte de emprego e de fonte de consumo, ficaram, na agricultura subdesenvolvida ou tradicional, relegadas a um segundo plano pois a alta percentagem da população que vive no meio rural, com os baixos níveis de ingreso, consequência do sub-emprego predominante, tem uma participação muito débil no consumo, seja dos produtos alimentares ou dos industriais. Isto a seu turno é causa de impedimento de um maior desenvolvimento da industria e do comércio. Uma serie de entraves se sucedem, quasi diríamos de reflexos continuos, e impedem que saltemos a faixa de separação entre as etapas que o economista Rostow chama da sociedade tradicional para a do avanço.

Qual a solução imediata, poderiais perguntar-me. Vos contestaria que seria por certo crear uma grande quantidade de empregos no meio rural, para que ai pudesse haver uma redistribuição de ingressos, um pleno emprego, uma actividade que detivesse por algum tempo nas funções do meio rural as populações aí nascidas e crescidas, de forma a dar tempo que, num desenvolvimento sustentado e controlado por planejamentos realistas, se fosse verificando o traslado dos excessos de população rural para a cidade, num consequente desenvolvimento integral.

Esta a razão pela qual o Programa em que participo neste momento, no qual se inclue as actividades do Centro Interamericano de Desenvolvimento Rural e Reforma Agrária, vem propondo como solução urgente a reforma agrária, como condição do desenvolvimento, especialmente nas regiões onde predomina a agricultura tradicional, pois só através deste processo se poderiam crear empregos com inversões mais baixas que em qualquer outra actividade, além de estar atendendo aos mais lidimos principios de justiça, dando à terra sua inerente função social. É que dentro do principio de que a possessão dos recursos é que produz o fluxo de distribuição dos ingressos, através da Reforma Agraria estaremos suscitando a implantação do desenvolvimento humano que desejamos para nossos povos.

Defendemos uma Reforma Agrária Integral em que além da entrega da terra (que desde logo terá que ser a primeira medida), se faça acessível, ao campo por ela beneficiado, a assistência técnica, o crédito e os serviços. Não se diga do custo e da dificuldade deste processo, porque integral foi até agora o suporte que o Estado deu a propriedade tradicional latifundiária sem que disso se tivesse o resultado positivo que servisse de base a um real desenvolvimento de nossos países. Confirma-se que os resultados não foram positivos quando tomamos os dados de produção agrícola da América Latina na primeira parte desta década, de 1960 a 1965 e temos que enquanto a população crescia de 12,5 por cento, a produção de alimentos ficava em torno de 7%, não cumprindo assim a agricultura com seu mais elementar papel que é a satisfação da demanda alimentar.

Sabemos que a Reforma Agrária é uma das transformações mais difíceis de implantar, dadas as reações das estruturas estabelecidas ante a possibilidade da perda do poder económico e político que lhes deu a posse da terra.

A Reforma Agrária terá que ser feita à base de uma compreensão nacional, que force uma decisão política, de modo a que ela seja compreendida como uma empresa nacional integral, onde estejam presentes os esforços de todas as instituições e de todos os setores vinculados ao campo.

Para que possamos vencer no menor tempo possível a etapa do avanço para o desenvolvimento, necessitamos desde logo transformações de grande envergadura, nas mentes e nas instituições.

Um novo profissional que se compenetre da necessidade e da importância de uma transformação nacional, que tenha como sujeito o homem e como objetivo a dignificação da pessoa humana.

Uma nova Instituição que tenha em vista a modernização e a actualização rápida de métodos e de processos do desenvolvimento.

Entre essas instituições do desenvolvimento está a nova Universidade. Aquela que seja realmente universal no mundo de indivíduos que recebe para formar. Numa composição de estudantes que seja universal por recebermos de diferentes origens geográficas mas também por receber participantes dos mais

diferentes estratos sociais. Que a Universidade, como laboratório onde se caldeiem os fundamentos da democracia, seja também um laboratório do desenvolvimento integral, feito a sombra de princípios sociais cristãos compatíveis com a nossa civilização.

A nova Universidade Rural será aquela que se distancie do tempo em que se dava mais ênfase ao cuidado do touro do que ao homem que o cuidava. Onde se transforme o ambiente em que engenheiros agrônomos se formavam preocupados principalmente com melhorar a alimentação do gado e como aumentar a produtividade em um determinado solo, mas não pensavam no camponês que tinha filhos morrendo de fome. Pensava-se nos estudos de custo-benefício e nas normas de administração rural para a granja de arroz ou a fazenda de criação, para saber como incrementar os ingressos dos donos ausentistas, sem pensar nos problemas do pequeno agricultor e do camponês que tinham infimas condições de vida. Muitas vezes os estudantes conheciam os campos experimentais e as técnicas acuradas, mas nem sequer, haviam visitado e conhecido, em sua realidade verdadeira, o drama do homem rural.

Creio na nova Universidade e é por isso que com êfusiante alegria venho encontrar agora a nossa Universidade Rural transpondo barreiras para transformar-se, tal como adotou em sua definição, em um laboratório do desenvolvimento. Creio no novo ensino em que tanto quanto as horas que se passem debruçados sobre o microscópio, o estudante esteja vivendo também o problema do camponês, do parceiro, do arrendatário e do minifundista. Creio no estudo que vise encontrar métodos para acelerar a reforma agrária mais do que a de preocupar-se com a maximização dos lucros do grande latifundiário. Creio na Universidade que contribua para o desenvolvimento da verdadeira empresa agrícola, seja ela familiar ou comercial, na extensão de terra bem utilizada, com alta produtividade, dando pleno emprego. Creio no estudo da empresa comunitária em que o conceito cooperativista ajude a minimizar os problemas que entravam o emprego de técnicas agrômicas e facilite os meios de comercialização. Creio na Universidade de actividades interdisciplinárias em que se juntem várias especialidades, como economia doméstica, técnicos da medicina veterinária ou da agronomia, em busca de soluções para problemas da família, do homem e do seu trabalho. Creio na Universidade em que seus professores,

vivendo a realidade, tomem a sério a criação de teorias e de metodologias compatíveis com o nível de desenvolvimento e com as necessidades reais de nossos países. Creio enfim na Universidade que, em uma palavra, esteja em contacto com a realidade atual do subdesenvolvimento e estude as soluções realísticas que permitam o acesso de todos ao bem comum.

Senhores, este é um exemplo apenas do que anseamos para uma das instituições, a mais importante por certo, das que estarão a frente dessa gigantesca tarefa de fazer com que o desenvolvimento seja o verdadeiro nome da paz.

Nóveis engenheiros agrônomos, meus queridos colegas! Despeço-me com o pedido de que me excuséis pela extensão destas palavras de despedida, que mais que a aula formal, visaram deixar-vos o coração aberto a falar de algumas das preocupações que certamente já havíeis ouvido de mais autorizadas vozes, mas que aqui foram ditas com o entusiasmo da amizade sincera e com o carinho da dedicação.

Com os votos dos mais profícuos êxitos na vida profissional, fica a recomendação de que não vós olvidéis de vossa Universidade. Ela só será tudo aquilo que desejamos se o ex-aluno continuar junto com os professores, os alunos e a coletividade a constituir o suporte estável para seu progresso.

Com um abraço amigo que vai também àqueles que no calor do lar, colaboraram para que vós aqui chegásseis neste momento, vos digo não só o adeus da saudade, mas também o até breve da confiança de encontrar-vos, dentro em pouco, pelos caminhos do agro deste nosso Brasil".

./.

/lf.